



Revista *aSEPHallus* de Orientação Lacaniana  
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo  
ISSN 1809 - 709 X

## O conceito de saber na obra de Freud: um estudo teórico

**Ana Isaura Benfica Teixeira**

Psicóloga e Psicanalista

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UFRN (Filiado à ANPEPP)

E-mail: [aibenfica@hotmail.com](mailto:aibenfica@hotmail.com)

**Cynthia Pereira de Medeiros**

Psicanalista

Doutora em Educação – USP

Professora Associada do Departamento de Psicologia e do

Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRN (Filiado à ANPEPP)

E-mail: [cynthiamedeiros@yahoo.com](mailto:cynthiamedeiros@yahoo.com)

---

**Resumo:** Este artigo apresenta o percurso teórico do conceito de saber na obra de Freud, com o intuito de retratar sua gênese e buscar, no próprio texto, os modos de abordagem do conceito em questão. Realizamos um mapeamento na versão eletrônica de sua obra com o parâmetro "saber", a fim de localizarmos os artigos nos quais o autor discute o tema em questão. Descobrimos que, na obra de Freud, o conceito de saber encontra-se associado de forma exclusiva ao inconsciente, sendo remetido ao desejo, e constituído a partir das investigações sexuais infantis sustentadas pela pulsão epistemofílica.

**Palavras-chave:** saber; desejo; significante; inconsciente.

---

### The concept of knowledge in Freud: a theoretical study

This article presents the theoretical route of the concept of knowledge in Freud's teaching, in order to retrace its genesis and seek, in the text itself, the ways in which the concept is approached. We conducted a search in the electronic version of his work with the parameter "know" in order to locate the articles in which the author discusses the subject in question. We found that in the work of Freud, the concept of knowledge is associated exclusively to the unconscious and kept referred to desire, and made from the infantile sexual investigations supported by drive of the love for scientific knowledge.

**Keywords:** knowledge; desire; significant; unconscious.

---

### Le concept de la savoir dans l'œuvre de Freud: une étude théorique

Cet article présente la route théorique de la notion de savoir dans l'œuvre de Freud, afin de retracer sa genèse et de chercher, dans le texte lui-même, les modes qu'il utilise pour étayer son approche de la notion. Nous avons réalisé une cartographie dans la version électronique de son travail en utilisant le paramètre "savoir" afin de localiser les articles dans lesquels l'auteur discute le sujet en question. Nous avons constaté que, dans l'œuvre de Freud, le concept de connaissance est associé exclusivement à l'inconscient, remis au désir, et construit à partir des enquêtes sexuelles infantiles soutenues par la pulsion de l'amour pour le savoir scientifique.

**Mots-clés:** connaissance; désir; signifiant; inconscient.

## **O conceito de saber na obra de Freud: um estudo teórico**

Ana Isaura Benfica Teixeira & Cynthia Pereira de Medeiros

### **Introdução**

Este trabalho partiu de uma investigação sobre o que autoriza uma criança a aprender. Esta questão foi levantada a partir do atendimento a uma criança de 09 anos, no serviço escola de uma universidade privada localizada em Natal. A queixa principal era a de uma desordem de aprendizagem, mais especificamente, a não formalização da leitura e da escrita. Ao empreender um levantamento da bibliografia psicanalítica sobre o aprender, encontramos o saber como fundamental para a análise desta questão. Isso nos levou a pesquisar a trajetória da construção deste conceito em Freud, em busca de compreendermos as relações do sujeito com o saber e suas implicações para a compreensão do fenômeno da aprendizagem e de seus impasses.

Em *Freud e a Educação: o mestre do impossível*, Kupfer (2005) afirma que apesar de não encontramos nos 24 volumes da Obra de Freud um texto que se dedique exclusivamente à abordagem do fenômeno da educação e da aprendizagem, este é um tema que jamais deixou de ser, para Freud, motivo de reflexão, sendo trabalhado de forma transversal em alguns textos de sua obra.

Santiago (2005) esclarece que encontramos na teoria da sexualidade de Freud a articulação entre a vida pulsional e a capacidade intelectual do ser falante. Esta autora advoga que a introdução da dimensão pulsional no processo de aquisição do conhecimento ajuda a pensar as dificuldades de aprendizagem a partir da clínica com o intuito de contemplarmos os elementos da subjetividade na determinação dos fenômenos sintomáticos. De acordo com a mesma, Freud concebe na segunda seção do artigo "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (1905), nomeada "A sexualidade infantil", o trabalho intelectual como forma sublimada de se obter satisfação, mediante o desvio do alvo pulsional.

Almeida (1998), fazendo referência ao trabalho psíquico a ser realizado pela criança no processo de aquisição do conhecimento via aprendizagem escolar, realiza uma analogia entre a constituição do sujeito desejante e a posição da criança em situação de aprendizagem escolar. Ela afirma que o desejo de saber, originário da pulsão de saber ou pulsão epistemofílica, se configura como um aspecto disparador do investimento da criança em um objeto de conhecimento que inscreve um registro pulsional nos percursos da aquisição do conhecimento, fazendo-o passar por vicissitudes, modificações e sucessivas transformações. Dessa forma, ela destaca que, na perspectiva da psicanálise, o conhecimento não é linear e escapa, frequentemente, ao controle volitivo e à consciência. Tais variações incluem as dificuldades de aprendizagem e o não-aprendizado que ocorrem em função da posição subjetiva do sujeito diante do objeto de desejo ou, em outras

palavras, de sua relação com a falta de objeto. Para esta autora, a aquisição do conhecimento, sustentada pelo desejo de saber, torna-se uma das significações fálicas possíveis.

Nessa mesma direção, D'Agord (2002) ao falar sobre as formações inconscientes em situações de aprendizagem, refere-se ao ser de conhecimento como sujeito de desejo, pois a aprendizagem escolar é tributária do sujeito de desejo. Essa autora afirma que a aprendizagem escolar põe em questão a tentativa de se explicar o posicionamento do sujeito em relação ao próprio desejo. Acrescenta, ainda, que o conhecimento, como uma das possibilidades de significação fálica, apresenta um traço que o vincula metonimicamente ao objeto originário de desejo do sujeito.

A autora supracitada reconhece na aprendizagem, a partir da análise de um caso, a existência de um processo de revivescência que reproduz o retorno do objeto perdido repetitivamente, levando o sujeito a reencontrar inconscientemente um objeto perdido do qual restaram os significantes. Esses últimos vão dar forma aos objetos substitutos, entre eles o próprio processo de conhecimento, enquanto substituição e, ao mesmo tempo, repetição do que foi perdido.

De acordo com Kupfer (2005), o aspecto que move uma criança no caminho do querer saber é a constatação da diferença sexual – definida pela ausência/presença do pênis –, que implica na inscrição de uma falta vivida como angústia de castração. Porém, ela esclarece que para se chegar à constatação da diferença sexual, a criança lança mão de investigações sexuais com o intuito de definir, antes de tudo, sua diferença, seu lugar no mundo. Por esta razão, ela afirma haver uma filiação da curiosidade intelectual à curiosidade sexual. A consequência desse processo é a sublimação parcial da investigação sexual lançada pela criança como pulsão de saber, sendo esta associada a “pulsões de domínio” e “pulsões de ver”. Para a autora em questão, esses são os determinantes que levam a criança a querer saber.

Encontramos, assim, o conceito de saber como um conceito relevante para pensarmos as relações do ser falante com a aprendizagem e o conhecimento. Nesse sentido, considerando a amplitude do conceito de saber na obra de Freud e a forma como ele é trabalhado transversalmente ao longo de sua teoria, nos dedicamos a um estudo aprofundado do mesmo. Pretendemos que esse texto componha um roteiro que visa apresentar a trajetória desse conceito na obra do referido autor, oferecendo ao leitor um caminho para que, refazendo as trilhas do conceito, construa o seu próprio percurso.

Trata-se de uma pesquisa do tipo teórica na qual o conceito de saber é revisitado na obra de Freud.

O trabalho foi desenvolvido em similaridade com Costa (2013), que aponta, na proposta de revisão teórica de conceitos científicos, a capacidade do texto em gerar múltiplos sentidos e do seu potencial criativo e transformador. Dessa forma, o conceito deve ser tomado pelo pesquisador de modo que este possa retrair sua gênese e buscar, no próprio texto, as questões que ele coloca.

Em Freud, trabalhamos com o descritor “saber” na obra eletrônica, com o intuito de levantarmos os artigos nos quais o autor empreende discussão em torno do conceito de saber. Dessa

forma, a primeira parte deste artigo apresenta a conceituação do saber, a partir das discussões impressas nos "Estudos sobre a histeria" (1893-1895), "Os três ensaios sobre a sexualidade infantil" (1905), "O esclarecimento sexual das crianças" (1907/1996), "Sobre as teorias sexuais das crianças" (1908/1996), O caso Hans (1909/1996) e "Leonardo da Vinci e uma lembrança de infância" (1910/1996). Optamos por organizar a discussão em torno do saber a partir dos casos apresentados por Freud, na histeria, na teoria da sexualidade, em Hans e em Leonardo da Vinci.

### **A histeria e o saber em Freud**

O conceito de saber aparece inicialmente nos "Estudos sobre a Histeria" (1893-1895), que costuma ser considerado por alguns autores como o ponto de partida da psicanálise. Nesse volume que antecede o surgimento da psicanálise, Freud elabora uma série de hipóteses para os casos clínicos que tinham sob eixo comum o fato das histéricas não saberem ou não lembrarem o que lhes acontecia. Na primeira página de seu artigo intitulado "Comunicação Preliminar" (1893), Freud afirma que o ponto de origem das formas e sintomas somáticos da histeria mantém relação com alguma experiência desprazerosa vivida pelo paciente, a qual este é incapaz de recordar e associar como evento desencadeador do fenômeno patológico. Essa experiência desprazerosa registrada como trauma psíquico e sua lembrança (a lembrança do trauma, mais precisamente), embora afastada da consciência, permanece em ação como um corpo estranho, não se resumindo apenas como um *agent provocateur* na liberação do sintoma, como defendia Charcot.

Neste volume, Freud e Breuer (1893-1895) dizem que o sintoma somático presente na histeria se liga simbolicamente ao evento traumático recalçado. Essa perspectiva leva os autores a afirmarem que "Os histéricos sofrem principalmente de reminiscência" (Freud & Breuer, 1893, p. 43).

Esta afirmativa também foi retomada por Freud no artigo "Cinco lições de psicanálise" (1910) para o esclarecimento de que os sintomas histéricos são resíduos e símbolos mnêmicos de experiências traumáticas esquecidas, que produzem, como consequência, a constituição de agrupamentos mentais mais ou menos independentes entre si, sem que um "nada saiba" do outro.

Em outras palavras, Freud (1893; 1910), indica que uma lembrança afastada da consciência, pelo recalque, pode exercer uma influência somática sobre um ser falante. Dessa maneira, as lembranças do acontecimento traumático permanecem a agir de forma intensa por não ter encontrado sua solução por uma resposta adaptada. Assim, a reação ao trauma sendo reprimida, o afeto permanece vinculado às lembranças recalçadas de forma que qualquer lembrança do trauma será acompanhada da tonalidade afetiva do início. Para o autor, as lembranças perturbadoras correspondem a traumas que não foram suficientemente ab-reagidos ou reproduzidos por associação não inibida que, por isso, não sofreram o processo normal de desgaste.

O ataque histérico indica, assim, o momento em que a consciência hipnóide, nomeada pelos autores como a segunda consciência, adquire domínio sobre a consciência normal. Essa segunda

consciência é formada por certos grupos de representações que se encontram isolados da ligação associativa com as representações acessíveis da consciência normal. "Um estado de equilíbrio, por assim dizer, pode então ser estabelecido entre dois grupos psíquicos que se combinam na mesma pessoa: os ataques histéricos e a vida normal prosseguem lado a lado sem que um interfira no outro" (Freud & Breuer, 1893-1895, p. 51).

Nos Casos Clínicos (1895), os autores apresentam uma sessão extensa com a apresentação dos casos clínicos atendidos por eles. Nele, iniciam fazendo considerações sobre as histórias de cada caso, tentando estabelecer uma articulação entre os fatos vividos, o trauma e os sintomas histéricos.

Através da análise dos casos atendidos, Freud realiza um grande avanço na teoria e na ética de um novo modo de compreender e tratar as doenças e o sofrimento humano. Com o estudo empreendido em torno da histeria, e com a utilização do método da hipnose, Freud pôde observar que suas pacientes apresentavam lembranças que eram desconhecidas em seu estado de consciência normal.

No caso de Miss Lucy R., que apresentava um quadro de perda completa do olfato e analgesia no nariz, mas era perturbada constantemente por um cheiro de pudim queimado, Freud (1893-1895) se depara com o que denomina de "estado de espírito", no qual, ao mesmo tempo, se sabe e não se sabe de alguma coisa. Sobre esse "estado de espírito", Freud acrescenta em uma nota de rodapé que "é claramente impossível de compreendê-lo ao menos que nós mesmos o tenhamos experimentado" (Freud, 1893-1895, p. 144). Ele explica que, nesses casos, a vivência de um fato não ajustável à expectativa consciente é repelida da consciência. É a "cegueira de quem vê", tão presente nas atitudes das mães com seus filhos.

Esse estado ambivalente de saber e não saber aparece também no caso clínico da Srta. Elisabeth Von R., que chegou a Freud encaminhada por um médico conhecido. Essa paciente apresentava dores nas pernas e dificuldade de andar. Tratava-se de uma somatização provocada pelo encobrimento de um afeto amoroso que a paciente sentia por seu cunhado e que, após a morte da sua irmã (esposa de seu cunhado), experimentara um sentimento de satisfação por pensar que agora o caminho estaria livre para a consumação de seu amor. Dessa forma, Freud esclarece que quando a paciente o procura, o grupo de representações relativas a seu amor já havia sido separado de seu conhecimento, formando um grupo psíquico isolado que possui a característica de ser inconsciente. Na discussão desse caso, ele afirma haver uma ligação íntima entre a história dos sofrimentos do paciente e os sintomas de sua doença, apontando a diferença entre a histeria e os quadros de psicose. Nesse caso, fica claro que o saber que Freud pressupõe na histeria possui uma ambivalência circunscrita entre o saber, como tomada de consciência, de conhecer, e o não-saber, tomado como desconhecido e inconsciente.

As apresentações dos casos clínicos são seguidas das "Considerações Teóricas", escrita por Breuer (1893-1895). Nessa sessão Breuer (1893-1895) faz uma retomada de conceitos apresentados em "Comunicação Preliminar" e nos casos clínicos. Nele podemos destacar a afirmação de Breuer

(1893-1895) de que as descobertas sobre a histeria possibilitaram entender, em primeiro lugar, que os sintomas somáticos são ligados às representações não acessíveis à consciência e, em segundo lugar, que os ataques histéricos são, em parte, produto de um complexo representativo inconsciente.

Além disso, Breuer (1893-1985) afirma que através dos estudos sobre a histeria podemos reconhecer a existência de uma divisão da atividade psíquica, uma vez que se observa nos casos ilustrados a permanência de grandes complexos de representações e processos psíquicos inteiramente inconscientes e coexistentes à vida mental consciente. Dessa forma, Breuer acredita que parte da atividade psíquica dos pacientes histéricos é inacessível à percepção pela autoconsciência do indivíduo desperto, e que a mente deles é assim dividida: "A divisão da mente é a consumação da histeria" (Breuer, 1893-1985, p. 267).

Em seguida ele acrescenta que nos ataques histéricos a divisão da mente é manifesta, pois a representação do eu consciente encontra-se lado a lado com as representações inconscientes. Para ilustrar tal fato, ele cita as descobertas de Binet e Janet após conseguirem acessar, sob hipnose, uma parcela da atividade psíquica da qual o eu consciente nada sabe.

Dessa forma, esse autor advoga que a histeria está associada a essas representações que existem e estão atuantes abaixo do limiar da consciência. Ele afirma serem as representações inconscientes a causa dos fenômenos patológicos. "Representações tais como essas que, embora presentes, são inconscientes, não por causa de seu grau relativamente pequeno de nitidez, mas apesar de sua grande intensidade, podem ser descritas como representações que são 'inadmissíveis à consciência'" (Breuer, 1893-1895, p. 244). Encontramos, assim, a ideia de que representações inconscientes produzem efeitos somáticos.

Breuer (1893-1895) apregoa, ainda, que a amnésia histórica possibilitou a compreensão de que a mente manifesta do paciente não é a mente em sua totalidade. Tornou patente que o problema não era a investigação dos processos mentais conscientes, para a qual bastariam os métodos corriqueiros de indagação empregados na vida cotidiana. Se era possível observar a existência de processos mentais inconscientes, tornava-se necessário pensar na construção de algum instrumento específico de abordagem e manejo destes processos, que, nesse momento da obra de Freud, era a sugestão hipnótica.

Sobre a predisposição inata ao desenvolvimento da histeria, Breuer (1893-1895) escreve que ela se encontra ligada a uma idiosincrasia da pessoa em questão, mas defende que a sexualidade é um dos principais componentes da histeria. Ele afirma que a pulsão sexual é a fonte mais poderosa de acúmulos sistemáticos de excitação. Apesar dessa afirmação, o valor conferido ao papel desempenhado pelos impulsos sexuais na causação da histeria torna-se, mais tarde, a principal fonte de discordância entre este autor e Freud, para quem os fatores sexuais desempenhavam papel central no desenvolvimento do acometimento da histeria.

Os fatores sexuais como causa determinante da histeria foram apresentados por Freud em "A psicoterapia da Histeria" (1893-1895). Nesse artigo, ele acrescenta que na histeria o eu do

paciente está ocupado no trabalho de defesa, uma vez que se encontram em jogo representações de natureza aflitiva – capazes de despertar afetos de vergonha, de autocensura e de dor psíquica – diante das quais o eu do paciente teria originalmente impelido para fora da associação e se oporia a seu retorno à memória: “O ‘não saber’ do paciente histérico seria, de fato, um ‘não querer saber’ – um não querer saber que poderia, em maior ou menor medida, ser consciente” (Freud, 1893-1895, p. 284).

Em outras palavras, Freud propõe que a histeria se origina do recalçamento de uma ideia incompatível que desperta no eu uma motivação de defesa. De acordo com esse ponto de vista, a ideia recalçada, também mencionada por Freud como lembrança patogênica, persiste como um traço de memória de pouca intensidade, enquanto que o afeto deslocado dela é destinado a uma inervação somática. Esse é o mecanismo de conversão presente na histeria, que possibilita, entre outras coisas, que a lembrança não sofra o efeito de desgaste observado comumente em lembranças comuns, proteção que acaba levando a um aumento da divisão psíquica.

No artigo “Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência” (1893), Freud retoma todas as concepções sobre a histeria e a concebe como causa da vivência de um trauma psíquico incompletamente ab-reagido que, por isso, torna-se provocador de uma lembrança patogênica não submetida ao processo de desgaste natural e ao esquecimento.

Diferentemente da abordagem universal que compreendia a etiologia da neurose a partir de uma hereditariedade, Freud (1893-1899), em “A hereditariedade e a etiologia das neuroses” (1896), afirma haver uma causa única na histeria, a saber, uma experiência sexual passiva vivida na infância que, na puberdade, por desenvolvimento das ações dos órgãos sexuais, é retomada como lembrança traumática. Ele acrescenta em “A etiologia da Histeria” (FREUD, 1896), que a atribuição da histeria a uma cena traumática depende de sua força traumática, e que o sintoma histérico se encontra articulado à rede de lembranças associadas à cena traumática que o paciente afirma nada saber.

Percebemos, então, que nos “Estudos sobre a Histeria” e na “Etiologia da Histeria” o saber se encontra remetido a uma ambivalência entre tomar consciência e esquecer, aproximando-se do conhecimento e da memória. É por essa linha de pensamento que Freud vai apresentar o saber nos seus ensaios publicados entre 1898 a 1901, como veremos a seguir.

Nas primeiras publicações psicanalíticas (1893-1899), mais especificamente no artigo “O mecanismo psíquico do esquecimento” (1898), Freud aborda o papel do recalçamento no mecanismo do esquecimento, explicando que a facilidade com que uma impressão é despertada na memória depende da atitude favorável ou desfavorável de um fator psíquico que se nega a reproduzir ideias e/ou pensamentos que possam liberar ou levar à liberação de desprazer. Essa natureza tendenciosa de nosso recordar e esquecer é a explicação da amnésia da histérica. Por isso, é possível afirmar que as pessoas histéricas “não sabem o que não querem saber” (Freud, 1898, p. 281).

No ano seguinte, em 1899, Freud descreve, em “Lembranças encobridoras”, o mecanismo de deslocamento e substituição do conteúdo das lembranças infantis recalçadas por outras

lembranças conscientemente insignificantes. Aqui ele acrescenta que a natureza tendenciosa de nosso recordar e saber atende aos interesses do recalque. Por isso, é possível afirmar que há duas forças psíquicas opostas envolvidas na promoção das lembranças traumáticas: uma que impulsiona o movimento de liberação das lembranças e outra que resiste e impede a manifestação dessa última. Como resultado tem-se a produção de uma outra imagem mnêmica que se constituiu por deslocamento associativo da primeira. Trata-se, assim, de um deslocamento por continuidade, ou seja, de um caso de recalque acompanhado de substituição por algo próximo no espaço ou tempo. Seguindo o pensamento de Freud, podemos afirmar que o saber em jogo no ato de lembrar remete associativamente a um saber recalado de ordem sexual e traumática.

No capítulo III de seu ensaio "Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana" – intitulado "O esquecimento de nomes e sequências de palavras" –, Freud (1901) apresenta uma análise psicológica sobre o esquecimento a partir do caso de um senhor, referido pelo nome de Sr. Y, que se apaixona por uma dama casada com um outro homem, cujo nome o Sr. Y passa a ter dificuldades de lembrar. A partir da análise desse caso, Freud observa a presença de uma força tendenciosa no esquecimento, que ele denomina como um "não querer saber". Em seguida, ele aproxima o saber da memória, de impressões e experiências e propõe uma distinção entre o esquecimento de impressões e experiências, e o esquecimento de intenções. "Faço uma distinção entre o esquecimento de impressões e experiências, ou seja, de um saber, e o esquecimento de intenções, ou seja, da omissão de um fazer" (Freud, 1901, p. 143).

Mais tarde, no capítulo nomeado "Determinismo, crença no acaso e superstição – Alguns pontos de vista", Freud (1901) aborda a superstição como um exemplo que comprova a presença de um conhecimento inconsciente como motivo dos acontecimentos psíquicos. Ele afirma que no supersticioso pode ser observada a pressão exercida pela busca de uma compreensão dos acontecimentos que, por nada saber, é situado, por deslocamento, no mundo externo. "Presumo que esse desconhecimento consciente e esse saber inconsciente da motivação das causalidades psíquicas sejam uma das raízes psíquicas da superstição" (Freud, 1901, p. 254).

Em "Fragmento da análise de um caso de histeria" (1905[1901]), Freud analisa os atos sintomáticos presentes no quadro histérico, tomando o caso de Dora como ilustrativo. Ele afirma que os atos sintomáticos são ações das quais a consciência nada sabe ou nada quer saber, sendo, portanto, manifestações do inconsciente.

Até aqui observamos que, entre 1898 e 1905, Freud abordou o saber pela via da ambivalência entre recordar e esquecer, sendo o não-saber aquilo que esquecemos por possuir um caráter sexual e, conseqüentemente, traumático.

É ainda em 1905, em um dos capítulos de seu ensaio sobre a sexualidade infantil, intitulado "A investigação sexual infantil", que Freud apresenta uma formulação conceitual do saber articulado à pulsão, inserindo a pulsão de saber, ou de investigar, como uma atividade da vida sexual da criança.

## **O saber na teoria da sexualidade**

Nos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (1905), Freud situa o saber como uma atividade pulsional – e, portanto, de caráter sexual – derivada da pulsão escopofílica e das investigações das crianças sobre a origem dos bebês.

Kupfer (1990) faz considerações de ordem terminológica acerca dos termos utilizados na obra de Freud que nos remetem à discussão em torno do saber. Ela esclarece que os termos usados em Freud são: pulsão de saber, impulso epistemofílico, desejo de saber, curiosidade. Essa autora adverte que as traduções portuguesas e francesas do termo inferem um movimento cultural de escamotear a dimensão sensual e imperativa contida no desejo de saber explicitada por Freud em sua escrita. Ela esclarece que, para Freud (1905), apesar de não se encontrar subordinada exclusivamente à sexualidade e, por isso, não ser computada entre os componentes pulsionais elementares, a pulsão de saber possui relações significativas com a vida sexual por ser atraída e, talvez até despertada, pelos problemas sexuais.

A autora adverte, ainda, sobre os problemas conceituais na definição da relação entre pulsão de saber, pulsão e sexualidade. Para a mesma, esses problemas conceituais estão referidos à duas afirmações de Freud nos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade": 1) a pulsão de saber não é uma pulsão parcial porque não é totalmente sexual; 2) a pulsão de saber é atraída por problemas sexuais. A autora explica essa contradição afirmando que Freud fala em dois tipos de pulsão de saber: a infantil e a adulta. Inicialmente há uma pulsão que posteriormente se associa a um conteúdo sexual, abrindo o período da investigação sexual infantil. Em seguida, observa-se que parte dessa pulsão sofre a ação da sublimação e do recalque, desde que seja conservada sua libido. O resultado disso é a pulsão de saber do adulto.

Quanto à atividade da pulsão de saber, Freud (1905) acrescenta que ela corresponde a uma forma sublimada de dominação, ao mesmo tempo em que trabalha com a energia escopofílica. A esse respeito, Kupfer (1990) afirma que na busca do objeto de conhecimento achamos um tipo de relação com o objeto marcada pela pulsão de domínio, contida e freada pela sublimação.

Para Freud (1905), a sublimação é definida como um processo de desvio das forças pulsionais sexuais das metas sexuais para novas metas. Para ele, as construções culturais se erigem às expensas das moções sexuais infantis que não cessam nem mesmo no período de latência.

Os historiadores da cultura parecem unânimes em supor que, mediante esse desvio das forças pulsionais sexuais das metas sexuais e por sua orientação para novas metas, num processo que merece o nome de sublimação, adquirem-se poderosos componentes para todas as realizações culturais. (Freud, 1905, p. 167)

No que concerne à relação entre a pulsão de saber e a energia escopofílica, Kupfer (1990) indica que a pulsão de saber atua com a energia da pulsão de ver, ou seja, com sua libido definida como a parcela quantitativa da energia sexual. A pulsão de saber possui como fonte de energia a libido da pulsão de ver.

Freud (1905) se ocupa em explicar que a atividade investigatória na criança surge de problemas práticos sobre a origem dos bebês. O autor explica que diante do questionamento de onde vêm os bebês, a criança inicia um movimento de investigação e formulação de teorias sexuais como tentativa de explicar esse enigma. Com isso, Kupfer (1990) acrescenta que, para Freud, a origem da curiosidade é a curiosidade pela origem.

A primeira das teorias sexuais formuladas pela criança deriva do desconhecimento da diferença entre os sexos. Ela consiste em atribuir a todos os seres humanos uma mesma genitália, a saber, a masculina. Freud pontua que, com isso, observa-se frequentemente a relutância da criança em abrir mão dessa teoria, que será abandonada após "sérias lutas internas", que culminarão na composição do complexo de castração. Por esta razão, Kupfer (1990) acrescenta que manter as teorias sexuais tem o sentido de recusa diante da castração.

Outra questão que se faz presente no trabalho de investigação da criança, de acordo com o artigo "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade de Freud" (1905), refere-se à explicação de como ocorre o ato sexual entre adultos, em que consiste ser casado e/ou em que consiste a relação sexual. Como resposta a isso, elas costumam buscar a solução em alguma atividade ligada às funções de micção ou defecação.

Nesse texto freudiano encontramos, ainda, a concepção de que as teorias sexuais infantis são o reflexo da própria constituição sexual da criança e que, apesar de não culminarem na apreensão da realidade, testemunham uma compreensão dos processos sexuais maior do que os adultos costumam pensar. Contudo, por não possuir a maturidade para compreender o papel do sêmen e a existência do orifício sexual feminino, as teorias sexuais levantadas na investigação empreendida pelas crianças fracassam. Apesar disso, a investigação sexual dos primeiros anos de vida é "um primeiro passo para a orientação autônoma no mundo e estabelece um intenso alheamento da criança frente às pessoas de seu meio que antes gozavam de sua total confiança" (Freud, 1905, p. 186).

Na carta aberta a Dr. Fürst, apresentada no artigo "O esclarecimento sexual das crianças" (1907), Freud, interrogado sobre a idade e o modo como se deve introduzir o esclarecimento sexual às crianças, reafirma o interesse intelectual da criança pelos enigmas do sexo e a busca de saber em torno da diferença genital e da origem dos bebês, respectivamente. Nesse texto, Freud recomenda uma prática educativa de total abertura sobre os fatos sexuais indagados pelas crianças aos adultos, por acreditar que essa postura levaria a um efeito profilático da neurose. No entanto, essa questão é revisada no texto "Análise terminável e interminável" (1937). Nele, o autor desconstrói a ideia de que o esclarecimento sexual serve como medida de prevenção da neurose e

acrescenta a inocuidade das explicações dos fatos sexuais ofertados pelos adultos à criança. Discorrendo sobre essa ideia freudiana, Kupfer (1990) comenta que a criança sempre irá se opor às explicações das questões sexuais ofertadas pelos adultos, independente de serem explicações verdadeiras dos fatos, pois a verdade a que resistem é a da realidade da castração que está no bojo dos fatos sexuais.

As teorias sexuais empreendidas pela criança no processo de investigação, também foi assunto do artigo intitulado "Sobre as teorias sexuais das crianças", de 1908. Nele Freud apresenta de forma detalhada o aparecimento da curiosidade e do interesse sexual da criança. Indicando a dificuldade de determinar que suas observações acerca das teorias sexuais elaboradas pelas crianças sejam passíveis de serem submetidas a uma generalização, ele adverte que as pressões da educação e a intensidade da pulsão sexual influenciam, sem dúvida, o momento do surgimento do interesse sexual da criança. Freud afirma que a chegada de um novo bebê é o ponto de partida das pesquisas sexuais infantis, seja em sua própria família ou em outros lares. Esta novidade traz com ela a ameaça de perda de atenção e carinho dos pais o que, por sua vez, desperta emoções e aguçam a capacidade da criança pensar. "Sob a instigação desses sentimentos e preocupações, a criança começa a refletir sobre o primeiro grande problema da vida e pergunta a si mesma: 'De onde vêm os bebês?'" (Freud, 1908, p. 193). Essa pergunta é compreendida por Freud como produto de uma exigência vital.

Observa-se que a criança recorre, frequentemente, aos pais ou aos que cuidam dela, exigindo respostas àqueles que representam para ela fonte de conhecimento. Decorre daí o primeiro conflito psíquico vivenciado pela criança ao se deparar com a insuficiência das respostas ofertadas pelos adultos aos seus questionamentos. Desse conflito psíquico resulta uma dissociação psíquica compreendida como o complexo nuclear da neurose, que consiste no domínio das concepções consideradas boas, tornadas conscientes, e da repressão das ideias que possuem um caráter de ameaça tornadas inconscientes. Nas palavras de Kupfer (1990), essa primeira ocasião de instalação de um conflito psíquico resulta numa primeira clivagem psíquica.

Essa condição de insatisfação em relação às explicações ofertadas pelos adultos sobre o feito sexual e a pulsão sexual atuante no organismo infantil, conduz a criança a um movimento de busca independente que passa a operar como um impulso interno à pesquisa. Daí decorre a construção das teorias sexuais infantis. A primeira das teorias deriva do desconhecimento das diferenças entre os sexos, à qual Freud já havia se referido em 1905, que acaba malograda pelo fato da criança não ter a concepção do órgão genital feminino. A segunda teoria sexual que a criança lança mão é a que leva a crer que o bebê sai da barriga da mãe pela passagem anal, nomeada por Freud de teoria cloacal. Para este autor, a teoria cloacal, quando preservada na consciência nos anos posteriores à infância, fica associada a explicação da origem dos bebês pela via da ingestão de um alimento. Já a terceira teoria nasce como consequência da experiência de testemunho acidental da relação sexual entre os pais, levando a criança a concluir que o ato sexual se desenvolve como uma imposição violenta do mais forte ao mais fraco, denominada de concepção sádica do coito. A percepção do

amor como um ato de violência indica, para Freud, um retorno ao impulso para um comportamento cruel que fora associado às excitações do órgão sexual no momento em que a criança começou a refletir sobre a origem dos bebês. Além disso, ele acrescenta a possibilidade do impulso sádico prematuro estar associado, também, às lembranças obscuras das relações sexuais dos pais obtida pela criança em seus primeiros anos, momento em que compartilhava o quarto dos pais, e cujo material não fora utilizado na época.

Por fim, Freud (1908) apresenta o interesse da criança pela questão da natureza e do conteúdo do casamento. O referido autor observa que as crianças produzem percepções sobre o casamento sustentadas na observação fortuita de seus pais e na crença de que o casamento produz um prazer que, para as crianças, encontra-se relacionada à ausência de pudor. Dessa forma, Freud apresenta algumas teorias lançadas pelas crianças sobre o significado do casamento. São elas: os casados urinam um em frente do outro, o homem urina no urinol da mulher, os casados mostram seus traseiros um ao outro, sem sentir vergonha; ou ainda, como ouviu de uma menina de 14 (quatorze) anos de idade, o casamento consiste na mistura de sangue. As teorias a respeito do casamento são para Freud, nesse momento de sua obra, as mais importantes das teorias sexuais típicas concebidas pela criança nos primeiros anos da infância, sob a única influência dos componentes da pulsão sexual.

As teorias infantis a respeito do casamento, retidas com frequência pela memória consciente, têm grande significação na sintomatologia das doenças neuróticas posteriores. A princípio elas são expressas pelos jogos infantis nos quais a criança faz com uma outra aquilo que a seu ver constitui o casamento; mais tarde, o desejo de ser casado pode expressar-se de uma forma infantil e aparecer numa fobia à primeira vista inexplicável, ou em algum sintoma correlato. Estas parecem ser as mais importantes das teorias sexuais típicas concebidas espontaneamente pela criança nos primeiros anos da infância, sob a única influência dos componentes do instinto sexual (Freud, 1908, p. 201).

A relação entre as teorias empreendidas pela criança sobre a origem dos bebês e a pulsão de saber é exemplificada e analisada no artigo de Freud de 1909, "Análise de uma fobia em um menino de cinco anos", a partir de um estudo de caso que iremos apresentar a seguir.

### **O saber em Hans**

Freud (1909) apresenta a descrição de um caso de um menino de 05 (cinco) anos, chamado em termos fictícios de Hans, que apresentava um medo excessivo por cavalos, configurando um quadro de fobia. É importante esclarecer que o caso clínico em questão não foi diretamente tratado por Freud, que apenas definiu as linhas gerais do tratamento e orientou o pai da criança na execução do mesmo. O contato de Freud com Hans aconteceu uma única vez, cabendo ao pai da criança a execução das perguntas, registros e esclarecimentos inerentes ao processo de intervenção.

De acordo com Freud, as observações contidas nos relatórios do pai de Hans indicavam que ao final do segundo ano de vida a criança em questão já apresentava um interesse "particularmente

vivo” pela própria genitália, que costumava chamar de “pipi”. Juntamente ao interesse pela genitália, observava-se em Hans uma atividade masturbatória que fora proibida por sua mãe com palavras ameaçadoras, após presenciá-lo tocando seu membro. Para Freud, esse foi o momento no qual Hans vivenciou o complexo de castração, constituído pelas excitações e conseqüentes fantasias decorrentes da perda do pênis. A partir daí percebeu-se em Hans uma curiosidade sexual, um interesse em saber sobre a existência do pênis especialmente em seus pais, mas também em objetos animados e inanimados. “A curiosidade sexual de Hans (...) despertou nele o espírito de indagação e favoreceu que ele chegasse a um autêntico conhecimento abstrato” (Freud, 1909, p. 18). Em seguida, Freud afirma que a ânsia pelo conhecimento mantém relações próximas com a curiosidade sexual, e que a precocidade sexual é um correlato, raramente ausente, da precocidade intelectual.

Somado à ameaça da perda do pênis, Hans viveu a experiência do nascimento de sua irmã que lhe suscitou um empenho em construir teorias que explicitavam a tentativa de solucionar o enigma da origem dos bebês. Em outras palavras, a investigação lançada na infância supunha a pergunta sobre o seu estar no mundo, sobre o seu lugar frente ao desejo da mãe e, por isso, a ela era atribuída o caráter sexual. Kupfer (1990) observa que, com a análise do caso de Hans, Freud conecta as teorias sexuais infantis e a castração como eventos concomitantes. Para essa autora, Freud entrevê, com o caso Hans, que as investigações sexuais infantis são expressão da travessia da castração.

Outro aspecto que podemos observar com a referida autora é o fato de podermos ver, a partir da ligação feita por Freud entre curiosidade sexual e aquisição de conhecimento, a enorme importância do período das primeiras investigações sexuais para o ser humano, não apenas pelo fato destas serem o protótipo das investigações posteriores como também por estabelecerem seu destino. Dentro dessa perspectiva, Kupfer (1990) afirma que na travessia das investigações sexuais infantis se decide os destinos ulteriores do desejo de saber.

Nos conteúdos trazidos na sessão III da “Análise de uma fobia em um menino de cinco anos” (1909), Freud retoma o argumento apresentado nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), no que diz respeito à suposição de que a pulsão de saber se encontra articulada à pulsão escopofílica. “O prazer que uma pessoa sente no seu próprio órgão sexual pode tornar-se associado com a escopofilia (ou prazer sexual em olhar) nas suas formas passivas e ativas” (Freud, 1909, p. 99).

Uma questão que nos desperta a atenção é o fato de Freud (1909) afirmar que Hans, apesar de acreditar que todos os seres humanos são portadores de um pênis, apresentava um saber inconsciente sobre a origem dos bebês como um traço inatacável. “(...) ele – em completa contradição com suas falas oficiais – sabia no seu inconsciente de onde o bebê tinha vindo e onde ele tinha estado antes, (...); de fato, este talvez seja seu traço mais inatacável” (Freud, 1909, p. 116-117). Essa observação se dá pelo fato de Hans apresentar, após o nascimento da irmã, uma postura extremamente cética em relação a tudo o que pudesse pretender apontar a presença da

cegonha como explicação para o nascimento das crianças. Além disso, havia por parte dele uma desconfiança extremada sobre as explicações dadas pelos adultos à origem dos bebês. Podemos observar, com isso, que a pulsão de saber encontra um destino na investigação de caráter sexual, insiste Freud, empreendida na infância.

Percebemos que nesse artigo Freud reafirma que o conhecimento diz respeito a uma curiosidade sexual. A esse respeito, Kupfer (1990) diz que Hans traz em ato o desejo de não querer saber sobre a castração, permanecendo em dúvida sobre o que da verdade comparece no sexual.

A relação estabelecida entre pulsão de saber e investigação é discutida por Freud no artigo intitulado "Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância" (1910). Como caminho possível para a apresentação das contribuições de Freud a respeito do saber, nesse estudo de Leonardo da Vinci, seguiremos a abertura de um novo tópico.

### **Leonardo da Vinci e o saber**

Leonardo da Vinci foi uma das maiores personalidades do Renascimento. Considerado um dos melhores pintores de todos os tempos, possuía uma curiosidade insaciável e uma versatilidade de talentos que extrapolavam o campo da pintura e expressavam a extensão de seu saber. Suas ideias contribuíram sobremaneira para o campo científico e artístico da época, até os dias atuais. Um aspecto curioso na história desse grande artista e cientista que despertou o interesse de Freud foi o fato de da Vinci jamais ter tido um caso de amor e de apresentar, na sua vida e obra, certa indiferença quanto à sexualidade, especialmente quanto à sexualidade feminina. "Em uma época que presenciou a luta entre a sensualidade sem limites e um ascetismo melancólico, Leonardo representava a fria rejeição da sexualidade – coisa que não deveria se esperar de um artista e pintor da beleza feminina" (Freud, 1910, p. 79).

Outro aspecto destacado por Freud nesse artigo refere-se à inibição de Leonardo em relação à execução definitiva de suas obras, que o levava, na maioria dos casos, a deixá-las inacabadas. Para Freud, a profundidade e a riqueza de possibilidades das obras do artista e o seu incansável desejo de tudo compreender e pesquisar dificultava o processo de finalização das obras. Como exemplo, Freud cita os últimos quadros que ficaram inacabados: a Leda, a Madonna di Sant'Onofrio, Baco e São João Batista.

Freud (1910) observava em Leonardo da Vinci a submissão e o controle dos afetos no instinto de pesquisa: "ele não amava nem odiava, porém, se perguntava acerca da origem e do significado daquilo que deveria amar ou odiar (...) durante seu trabalho de pesquisa, o amor e o ódio se despiam de suas formas positivas e negativas e ambos se transformavam apenas em objeto intelectual" (Freud, 1910, p. 83).

Freud também observa que a ânsia de conhecimento apresentada por Leonardo da Vinci encontrava-se sempre dirigida ao mundo externo, em detrimento da investigação da alma humana.

São esses os aspectos destacados por Freud como justificativa para levar a cabo um estudo com o intuito de empreender uma reconstrução detalhada da vida emotiva de Leonardo da Vinci – desde os seus primeiros anos, passando pelo conflito entre seus impulsos artísticos e científicos –, com vistas a realizar uma análise de sua história psicosssexual.

Freud inicia suas considerações sobre o caso em questão afirmando que, em Leonardo da Vinci é possível observar a transformação de uma força pulsional demasiadamente forte em várias formas de atividades. Contudo, como já havia afirmado nos “Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade” (1905), tal força pulsional já se encontra ativa na primeira infância do indivíduo, sendo sua primazia estabelecida por impressões decorrentes de experiências de caráter sexual vividas quando criança. As atividades investigativas e criativas de Leonardo da Vinci respondiam à sublimação de uma parcela da vida sexual, já que a pulsão sexual é dotada de uma capacidade de substituição de seu objetivo por outros desprovidos de caráter sexual e que possuem maior valor social.

Na infância, a pulsão é usada para satisfazer interesses sexuais. Como já havíamos afirmado anteriormente, em consonância com Freud, as investigações empreendidas na infância que visam o alcance da compreensão sobre a origem dos bebês fracassam por causa da impossibilidade de a criança tomar o órgão sexual feminino em sua diferença ao órgão masculino.

Nesse artigo, Freud acrescenta que com o fim do período da investigação sexual infantil, o caráter sexual do impulso de pesquisa terá três destinos dependendo de sua relação com os interesses sexuais.

No primeiro deles, o impulso de pesquisa tem o mesmo destino da sexualidade, o esquecimento. Nesse caso, ocorre uma inibição da curiosidade e, como consequência, uma limitação da atividade intelectual, intensificada pela influência da repressão sexual realizada pela educação.

No segundo caso, o investimento intelectual desenvolvido no período das investigações sexuais infantis supera a repressão sexual, abrindo a possibilidade de retorno das suprimidas atividades sexuais de pesquisa sob forma de uma preocupação pesquisadora compulsiva. O caráter sexual da atividade de pesquisa é resguardado e o sentimento advindo da intelectualização e da explicação das coisas substitui a satisfação sexual. Contudo, nesse segundo destino da pulsão de investigação é preservado também o caráter interminável das pesquisas infantis, afastando o indivíduo do sentimento de alcançar uma solução.

Por último, no terceiro tipo de destino, os elementos sexuais da pulsão de investigação escapam ao recalque e são sublimados desde o começo como curiosidade, permanecendo ligados à pulsão de pesquisa como forma de se fortalecer. Nesse caso, a pesquisa também possui uma característica de compulsão e funciona como substituto sexual. Porém, devido a efetivação da sublimação, a ligação com os complexos originais da pesquisa sexual infantil encontra-se ausente, deixando a pulsão livre a serviço do interesse intelectual.

Discorrendo sobre este artigo de Freud, Kupfer (1990) esclarece que a pulsão de saber e a pulsão de investigação não são tomadas como sinônimos. A autora afirma que, nesse texto, a pulsão de saber é sublimada em pulsão de investigação.

Tal afirmação torna-se clara na análise empreendida por Freud de uma recordação de infância de Leonardo da Vinci. Esta recordação é compreendida por Freud como uma fantasia criada a partir de lembranças da infância que não se fixaram no momento da experiência, mas retornaram nos anos posteriores, depois da infância, alteradas e falsificadas em consonância aos interesses e tendências ulteriores. Para Freud (1910), o fato de se apresentarem modificadas não diminui o valor dessas lembranças. Pelo contrário, para ele, "o que alguém crê lembrar da infância não pode ser considerado com indiferença; como regra geral, os restos de recordações – que ele próprio não compreende – encobrem valiosos testemunhos dos traços mais importantes de seu desenvolvimento mental" (Freud, 1910, p. 92).

Freud (1910) faz referência a uma recordação retirada de um apontamento científico de Leonardo da Vinci sobre o vôo dos abutres. Leonardo da Vinci descreve a lembrança de um abutre abrindo a boca dele com a cauda e chicoteando-a com ela, enquanto ele se encontrava deitado em seu berço.

Freud (1910) observa que a fantasia de Leonardo reproduz a experiência da amamentação, primeira fonte de prazer do ser humano que, por ser tão intensa, permanece marcada. Nesta fantasia, o abutre corresponderia à figura materna e a cauda representaria o seio da mãe. A escolha da figura do abutre como substituto da mãe é justificada por Freud (1910) pelo fato de da Vinci ter sido criado apenas pela mãe. Já que não existe a presença do sexo masculino nessa espécie – uma vez que todos os abutres são fêmeas e estas se reproduzem sem a participação de um macho – Freud constrói a hipótese de que Leonardo teria tido acesso a essa informação e que, por isso, havia inconscientemente tomado o abutre como substituto de sua mãe. A substituição do seio materno pela cauda do abutre acontece porque, nas investigações sexuais infantis, Leonardo da Vinci fica fixado na compreensão inicial do desenvolvimento sexual, ou seja, de que sua mãe é portadora do falo. Tal fato ocorre pela ausência da figura paterna em sua infância. Sua mãe e, mais tarde, seus alunos, haviam sido, na interpretação realizada por Freud, seus objetos sexuais.

Por último, Freud (1910) afirma que a compulsão em criar obras e depois desinteressar-se por elas, era reflexo da identificação de Leonardo com o pai que, do mesmo modo, se desinteressou por ele. A influência que o pai de Leonardo exercera no seu desenvolvimento psicosssexual era inquestionável. Freud considera que o pai de Leonardo o influenciou de modo negativo por sua ausência na primeira infância, mas também de modo direto por sua presença no período posterior de sua infância. "Quem deseja a própria mãe na infância não poderá evitar o desejo de substituir o pai e de identificar-se com ele na imaginação, e depois constituir como tarefa de sua vida obter ascendência sobre ele" (Freud, 1910, p. 126).

Kupfer (1990) afirma que a história de Leonardo da Vinci era primorosa, pois colocava Freud numa posição privilegiada para observar a relação que Leonardo fazia entre a disposição para o amor e sua ânsia de conhecimento. A autora afirma ainda que, tanto em "Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância" (1910) quanto em "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (1905), a pulsão de saber infantil é primitivamente não-sexual, alia-se posteriormente a forças sexuais e depois se dessexualiza. Para ela, Freud não se detém na parte mais primitiva e não-sexual da pulsão de saber, mas sim nas consequências de sua associação com o sexual.

## **Discussão**

As formulações freudianas sobre a teoria da sexualidade apontam uma base para pensarmos a construção e o funcionamento da inteligência, concebida em interface à dimensão inconsciente da constituição do sujeito e da pulsão. A partir dessa ótica, podemos tomar a aprendizagem escolar como reflexo da inscrição do saber, ou seja, da relação do sujeito com o saber.

As discussões freudianas sobre o saber nos mostraram que ele é produzido a partir das investigações sexuais infantis, desencadeadas pelo conflito da diferença sexual e pela exigência da pulsão sexual. As pesquisas sexuais possuem, então, influência decisiva sobre a aquisição do conhecimento e o destino das pulsões. Observamos, também, que o saber comporta uma ambivalência entre o desejo de saber e o não querer saber sobre a castração, como observamos no caso Hans (1909).

Percebemos que em Freud a noção de saber está associada ao inconsciente, à pulsão e ao desejo. Ele faz alusão às articulações entre saber e conhecimento, defendendo que toda a busca de conhecimento deriva da existência do saber, considerado inconsciente.

Assim, em Freud, o saber é tomado primeiramente na histeria como um não querer saber, de propriedade inconsciente, sobre a sexualidade. Nos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", o saber é discutido em interface à pulsão e ao desejo e presentificado nas teorias sexuais infantis. No caso Hans, o autor exemplifica como o saber sobre a sexualidade opera na infância; e em Leonardo da Vinci através de uma lembrança de infância, Freud apresenta a inteligência como reflexo da inscrição do saber em jogo nas investigações sexuais infantis.

Com ele, reconhecemos a importância do processo de investigação empreendido pela criança como efeito da inscrição da dimensão de um conteúdo enigmático referido à diferença sexual. Encontramos, também, subsídios para pensarmos a relação entre o aprender e o saber com a ideia de que a relação estabelecida com o conhecimento responde aos passos percorridos pela investigação sexual infantil, sustentada pela pulsão epistemofílica e pelo desejo de saber – elementos que sustentam a busca e a apreensão dos conhecimentos.

Isso nos ajuda a pensar que quando encontramos uma dificuldade de aprendizagem fazendo a função de sintoma para uma criança, algo da operação do pensamento pode estar alienada como significante daquilo que opera como proibido ao acesso ao saber, dificultando a operação com o

desejo. A nosso ver, isso nos demonstra que as queixas que chegam à clínica podem ilustrar impasses relacionados a questões subjetivas. Entendemos os desvios à regra do aprender como uma manifestação daquilo que é singular e da própria impossibilidade de generalização quando se trata de sujeitos. Com isso, atestamos, também, que as relações do sujeito com o saber produzem efeitos nos processos de aprendizagem que, um a um, precisam ser escutados.

### Referências Bibliográficas

- Almeida, S. F. C. de (1998). Desejo e aprendizagem na criança: o conhecimento como uma significação possível. *Estilos da Clínica: Revista sobre a Infância com Problemas*, 3(5). Recuperado de [www.revistas.usp.br/estic/article/download/60737/63786](http://www.revistas.usp.br/estic/article/download/60737/63786).
- Costa, J. R. A. (2013). *Identificações e escolha profissional na adolescência: um estudo psicanalítico*. (Dissertação de Mestrado). Retirado da Base de Dados da UFRN.
- D'Agord, M. R. L. (2013). Do grafo do desejo aos quatro discursos de Lacan. *Psicologia USP*, 24(3). Recuperado de <http://www.readcube.com/articles/10.1590%2Fs0103-65642013000300005>.
- Ferrari, A. G. & Sordi, R. O. (2009). A dimensão do corpo na aprendizagem. *Estilos da Clínica*, 14(27). Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-71282009000200013&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-71282009000200013&script=sci_arttext).
- Freud, S. (1996). Estudos sobre a histeria. In J. Salomão (Trad.) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1893-1895).
- Freud, S. (1996). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência. In J. Salomão (Trad.) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 37-52). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1893).
- Freud, S. (1996). A Hereditariedade e a Etiologia das Neuroses. In J. Salomão (Trad.) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 143-162). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (1996). A etiologia da Histeria. In J. Salomão (Trad.) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 189-274). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (1996). O mecanismo psíquico do esquecimento. In J. Salomão (Trad.) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 275-286). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1898).
- Freud, S. (1996). Lembranças encobridoras. In J. Salomão (Trad.) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 287-308). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1899).
- Freud, S. (1996). O esquecimento de nomes e sequências de palavras. In J. Salomão (Trad.) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 6, pp. 33-58). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1901).
- Freud, S. (1996). Determinismo, crença no acaso e superstição – alguns pontos de vista. In J. Salomão (Trad.) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 6, pp. 237-272). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1901).

- Freud, S. (1996). Fragmento da análise de um caso de histeria. In J. Salomão (Trad.) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 13-116). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Salomão (Trad.) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 117-232). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1996). O esclarecimento sexual das crianças. In J. Salomão (Trad.) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 9, pp. 123-134). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1907).
- Freud, S. (1996). Sobre as teorias sexuais infantis das crianças. In J. Salomão (Trad.) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 9, pp. 191-208). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1907).
- Freud, S. (1996). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In J. Salomão (Trad.) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 10). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1909).
- Freud, S. (1996). Cinco lições de psicanálise. In J. Salomão (Trad.) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 11, pp. 15-72). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (1996). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In J. Salomão (Trad.) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 11, pp. 73-142). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (1996). Análise terminável e Interminável. In J. Salomão (Trad.) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 223-270). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1937).
- Ireland, V. E. (2012). Queixas de aprendizagem: contribuições de outras disciplinas e da psicanálise. *Estudos de Psicanálise*, 37, 151-164. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0100-34372012000100014&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0100-34372012000100014&script=sci_arttext).
- Kupfer, M. C. M (2005). *Freud e a Educação: o mestre do impossível*. São Paulo: Scipione.
- Santiago, A. L. (2005). *A inibição intelectual na psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

**Citação/Citation:** Teixeira, A. I. B. & Medeiros, C. P. (nov. 2014 a abr. 2015). O conceito de saber na obra de Freud: um estudo teórico. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 10(19), 103-121. Disponível em [www.isepol.com/asephallus](http://www.isepol.com/asephallus). doi: 10.17852/1809-709x.2019v10n19p103-121

**Editor do artigo:** Tania Coelho dos Santos.

**Recebido/Received:** 12/07/2015 / 07/12/2015.

**Aceito/Accepted:** 19/07/2015 / 07/19/2015.

**Copyright:** © 2013 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.